

Fotos: Arquivo pessoal



Luiz Cláudio com a filha Kelly, a mãe, Clarice Gonçalves, e com os netos, Miguel, 7 anos, e Mariana, 8, também alunos do Caic Assis Chateaubriand

“A escola está localizada numa área chamada Buritis 2, mais conhecida como Pombal. Só perde no índice de criminalidade para o Rio de Janeiro”, observa Luiz Cláudio, diretor do Caic. “Temos uma carência muito grande do Estado, e um crescimento acentuado do tráfico e da marginalidade.”

Ele acredita que, por meio da gestão coletiva, que envolve a comunidade, é possível resgatar crianças que começam a se envolver em crimes. Mais que isso, conquistar o respeito da população, mesmo diante de um contexto socioeconômico delicado. “Hoje, o Caic é uma escola que não tem uma pichação no muro”, orgulha-se.

Fome de quê?

Um dos projetos que o diretor mais exalta é o da Escola da Inteligência, oferecido pelo Instituto Augusto Cury, que tem por objetivo levar ensinamentos sobre inteligência emocional às crianças. “Esse projeto veio para a escola como projeto-piloto, porque o instituto só trabalhava com escolas particulares”, conta Luiz Cláudio. Na avaliação dele, a proposta foi essencial para a reconstrução econômica e social que ele sentia a necessidade de implementar à frente da gestão.

“Nós acolhemos as crianças carentes, da periferia de Planaltina. São crianças que, antes de aprender a ler e a escrever, precisam se alimentar”, relata. Com o projeto e a participação dos pais, foi possível conciliar a dependência social à aprendizagem. “Conseguimos fazer com que



A sociedade, hoje, está muito carente de acolhimento e, dentro da escola pública, a gente consegue acolher as famílias, as crianças, os jovens, e fazê-los sair da violência, sair de uma condição social pobre para uma condição que pode abrir caminhos para eles”

as crianças fossem para a escola não só pela merenda, mas para socializar com as outras”, destaca Luiz Cláudio.

Com a pandemia de covid-19, em 2020, o diretor explica que o instituto encerrou as atividades em escolas públicas. Vieram na sequência dois anos de ainda mais desafios, para os quais nenhum gestor, professor, aluno ou pai estava preparado, em Planaltina ou em qualquer outro canto do mundo. “Tivemos muita dificuldade para levar o ensino remoto, e uma perda pedagógica muito grande, mas trabalhamos com busca ativa, para resgatar as crianças que sumiram.”

E, quando ele diz busca ativa, não é força de expressão: carro de som cruzou as ruas da cidade avisando da importância de os alunos manterem a frequência escolar, e um motoboy levava na casa dos

que precisavam o material impresso. Parte do conteúdo também era enviado aos pais pelo WhatsApp, para aqueles que não tinham acesso a computador em casa. “À época, conseguimos resgatar 300 crianças usando a busca ativa e o material impresso”, destaca Luiz Cláudio. O retorno 100% presencial, apenas em setembro de 2021, veio acompanhado de outras tantas batalhas, como alunos desestruturados disciplinarmente e não mais habituados à rotina escolar. “Está sendo um trabalho muito difícil. Até hoje, muitas crianças estão com nível de aprendizagem diferenciado”, explica.

O número de alunos especiais também é um desafio diário. São 86 estudantes com laudos que comprovam a existência de algum transtorno; e outras 200 crianças com dificuldade de aprendizagem em razão de transtorno ainda não investigado. Nesse último caso, a escola encaminha as famílias para atendimentos que consegue por meio da Casa do Ceará e em instituições de ensino que oferecem assistência gratuita, como em medicina clínica e fonoaudiologia.

O filho da dona Clarice

A realidade que Luiz Cláudio testemunha hoje na escola não é muito diferente da que viveu na infância e na adolescência. “A violência era pouca naquele tempo, a década de 1980, mas eu fui um desses estudantes que só tinha uma calça jeans e um par de tênis para ir à escola e para sair com os amigos no fim de semana.”

A mãe, Clarice Gonçalves, que morreu há três anos, lavava roupa, fazia faxina em apartamentos no Plano Piloto e ainda bicos em obras para sustentar os três filhos, todos formados hoje. O mais velho é também professor e a caçula, secretária executiva. “Nós conseguimos vencer com o esforço da nossa mãe”, relata Luiz Cláudio, hoje com 52 anos. Pai de Stephanie Kelly, 26, e de Felipe, 24, tem o privilégio da companhia dos netos no dia a dia. Filhos da primogênita, Mariana, 8, e Miguel, 7, estudam no Caic.

“Tudo o que tenho até hoje eu devo à educação”, repete o diretor, como um mantra. “Eu continuei insistindo com os estudos e me sinto muito feliz. Sou um gestor educacional bem conceituado na minha cidade.” Mesmo com todas as dificuldades, ele ressalta que acredita na escola pública e exalta os professores da rede. “A verba é tão pouca que a gente só consegue fazer o que é necessário, e, mesmo assim, tiramos leite de pedra, como diz o ditado popular. Conseguimos formar cidadãos.”

Com a sabedoria de quem não só sentiu na pele as consequências de um contexto social distante dos privilégios guardados às elites, mas também decidiu se envolver na solução dos problemas estruturais da própria comunidade, Luiz Cláudio evoca toda a potência do ensino público e gratuito: “A sociedade, hoje, está muito carente de acolhimento e, dentro da escola pública, a gente consegue acolher as famílias, as crianças, os jovens, e fazê-los sair da violência, sair de uma condição social pobre para uma condição que pode abrir caminhos para eles”.